

DISPARATE

Enquanto professor e artista, de que forma é possível pensar situações de partilha entre minha produção e a dos alunos? De que modo os diálogos das diferentes produções em sala de aula podem ser entretecidos? Qual a qualidade e aparência desse tecido cozido pelo grupo?

Iniciar esse ensaio com perguntas é uma estratégia para se pensar e entender a atuação do professor de artes em sala de aula. E na condição de artista, é partilhar as questões que me afetam e provocam a minha produção em ateliê.

Estratégias são procedimentos para conseguir algo, alcançar algum objetivo... em minha produção, seja como professor ou artista, existe um enorme desejo de mudança social... então, a questão seria, quais estratégias eu adoto, ou acredito que são possíveis, para promover essa mudança?

Entendo que o professor de artes em sala de aula é um artista entre muitos. Que antes de vir com respostas, partilha de uma mesma conversa com o grupo. As dúvidas geram perguntas, que movem a busca coletiva por soluções possíveis... os alunos, como também o professor, aprendem com os problemas dos outros, assim como com os deles. Nessa dinâmica, as coisas emergem e ganham relevo conforme vão sendo discutidos e incorporados as discussões e diferentes produções em aula.

Aqui abro um parêntese para expressar o meu lugar de fala e expor o meu terreno de ação. Embora esteja escrevendo dentro do meio acadêmico, escrevo sobre o ensino público básico a partir das minhas experiências em sala de aula e fora dela. Sobre aulas de artes em que os alunos não necessariamente querem ser artistas. Não é uma escola de artes, é uma disciplina curricular no meio de outras como português, geografia e matemática. E, pelas escolas que passei, geralmente não é um componente curricular com que a escola se importe.

É um terreno meio mal interpretado, em que, ao mesmo tempo que deveria ser do domínio natural dos estabelecimentos de arte, parece existir mais fora do que dentro deles. Embora institucional, possui enorme potencial anárquico. E, embora de fora, informa a instituição de suas atividades para tencionar e criar ruídos.

O ruído vem como um contraditor que rompe com uma forma autoritária. É um aparato incrível quando tomado como conversa, diálogo e escuta. A escola tende a tratar qualquer som, que não seja o professor falando ou rabiscando um quadro-negro, como ruído. E isso é preocupante, é uma forma de deslegitimar vozes e discursos que não tem visibilidade. É uma forma de organizar uma hierarquia autoritária.

Ruídos são muito potentes, podendo ser boato, rumorejo, falatório, gritaria, escarcéu, escândalo e confusão.

Fecho parêntese.

Essencialmente a escola não é acessível, é excludente e totalitária. É uma luta constante transformar e subverter esses princípios, mas é possível. Num lugar de tantas faltas existe a possibilidade em se construir algo, em se pensar e promover mundos menos desiguais.

O ensino de arte só é possível no contexto em que todos podem se cocriadores de uma mesma arquitetura social, a sua importância está na possibilidade de tornar claro que qualquer um pode impor formas no mundo. A capacidade de pôr e impor formas no mundo, diz respeito ao potencial em poder transformá-lo. Não é um direito reservado a uma minoria dominante.

A aula deveria ser mais próximo a uma lógica de grupo de estudos, sem um plano de ensino estruturado em materiais ou apostilas com conhecimentos e saberes impostos. Há de ser maleável, moldável e móvel, no qual, somente com a participação de todos fosse possível a construção de um conhecimento coletivo, sobre a base dos seus próprios objetivos. Portanto, lugar da necessidade de conversar sobre a produção sua, dos outros, com os outros e com o mundo.

Entendo que a produção não diz respeito somente a um objeto plástico, mas também ao pensamento e ao discurso, que também afetam a provocam mudanças na realidade. Também se impõe.

A lógica de gerar discussões a partir dos problemas de pesquisa que os alunos trazem provoca ter algo a dizer, é trabalho de ter de expressá-lo. Torna possível ensinar que são produtores de alterações na realidade como está sendo. Que são agentes de transformação e tem o potencial de esculpir a sociedade e o futuro.

PEPI LEMES
OUT.22.2017

REFERÊNCIAS.

ALBANO, Ana Angélica. Histórias de iniciação na arte . Em Aberto, Brasília, v.27, n.77, p. 8595, jun. 2007. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2199/2168>>. Acesso em: 25 de março de 2016.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JAPPE, Georg. Not Just a few are called, but everyone – Joseph Beuys. Disponível em : <<http://theoria.art-zoo.com/not-just-a-few-are-called-but-everyone-joseph-beuys/>>. Acesso em 8 de outubro de 2017.

RANCIÈRE, Jaques. A partilha do sensível: estética e política. 2ªed. São Paulo: Editora 34, 2009.